

Óscar Lopes e a linguagem: um olhar de cientista

Inês Duarte¹
iduarte@letras.ulisboa.pt

Encontrei Óscar Lopes pela primeira vez na viagem de finalistas do meu curso de licenciatura. Estávamos em Abril de 1973, e tínhamos conseguido um pequeno subsídio do então Instituto de Alta Cultura para assistir a uma conferência sobre Semântica Formal em Cambridge, organizada por Ed Keenan, que contava com a participação de investigadores americanos e europeus que partilhavam a convicção de que o conhecimento sobre a linguagem verbal humana não poderia avançar sem o recurso a ferramentas formais matemáticas ou lógicas. Conosco foram também três dos nossos professores e o Óscar.

17/3/1973

Meu caro

Estou em Cambridge de 9 a 12 de Abril, no início das férias da Páscoa. De acordo com os planos actuais, devo ir de comboio por Paris, juntamente com 10 linguistas de Lisboa (Cintra, Mira Mateus, M. Emília Marques, etc.).

[Neves, org., 2004. *AJS & OL: Correspondência*: 356]

Não me lembro se na ida se no regresso do congresso, alguns de nós almoçámos com o Óscar numa esplanada à beira do *Serpentine*, em Hyde Park. É sempre um momento que deixa marcas, encontrar alguém que só se conhece

¹ Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

pelo que se leu dele (a *História da Literatura Portuguesa*, que me acompanhou desde os tempos do liceu) e sobre ele. Sobretudo quando se é muito jovem.



O Óscar impressionou-me pela simplicidade, por aquele ar sério que em público poucas vezes o abandonava e pela intensidade do olhar.

Poucas semanas depois, tive o privilégio de o reencontrar num seminário organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian com o trio BCG (assim chamado pelos jovens *habitués* dos seminários da Rue d'Ulm): François

Bresson, psicólogo influenciado por Piaget; Antoine Culioli, linguista inspirado por Benveniste e fundador do primeiro departamento de linguística de uma universidade francesa (Paris-7); e Jean-Blaize Grize, matemático suíço apostado na construção de uma lógica natural. Os três partilhavam a convicção de que a formalização era um instrumento indispensável para que as hipóteses formuladas nas ciências humanas pudessem ser testadas. Desta convivência intelectual nasceria a teoria das operações enunciativas de Culioli, que chegou a contar com alguns discípulos em Portugal.

Porto, 8/3/1973

Meu Caro

[...] Em princípio estarei em Cambridge num seminário de Semântica Formal, precisamente entre 9 e 12 de Abril, logo no início das minhas férias, e ido do congresso de Aveiro. Talvez possa passar por Paris, mas a correr, porque tenho um outro seminário de linguística, com o Grize, o Culioli e o Bresson em Lisboa, logo a seguir.

[Neves, org., 2004. AJS & OL: Correspondência: 355]

Na primavera de 1973, este grupo de investigadores tinha uma grande recepção em França e chegou a Lisboa convencido de que iria encontrar um público pouco mais do que analfabeto.

Previa-se que os conferencistas fizessem exposições durante a manhã, que os participantes se organizassem em grupos de discussão com relatores durante a primeira parte da tarde, e que as conclusões de cada grupo fossem apresentadas em reunião plenária ao fim da tarde.

Tive a sorte de ficar no mesmo grupo do Óscar. Todos os membros do grupo tentaram que fosse ele o relator, mas, ou por timidez, ou porque não se sentia muito à vontade a falar francês, o Óscar não aceitou e acabei por ser eu a desempenhar essa função.

Logo no primeiro dia, o Óscar liderou a discussão no nosso grupo sobre a exposição muito básica, profundamente desinteressante e nada informada sobre o que estava a acontecer de novo do outro lado do Atlântico e na Europa que não falava línguas românicas.

Ora bem, no final do dia, lá fui eu relatar no meu melhor francês as conclusões do nosso grupo, quase todas com origem em observações do Óscar, lamentando o nível demasiado elementar da exposição, muitas das suas assunções de base e o seu fechamento teórico.

Adivinhem o que aconteceu... O trio BCG pediu a interrupção do seminário por um dia, para reformular o programa...

Que personalidade multifacetada era afinal a deste senhor de 56 anos, lutador pela causa da liberdade e da democracia, autoridade na história da literatura e na crítica literária, mas que regressava de uma conferência sobre Semântica Formal e cujas perguntas por interposta voz formuladas tanto perturbaram Bresson, Culioli e Grize?

Para a sua faceta de linguista, a que recordamos aqui hoje, a resposta é muito fácil: em Portugal, **o Óscar foi sem dúvida a primeira voz a anunciar o futuro no campo da Linguística.**

De facto, apesar de uma tradição de grande qualidade nas áreas da Filologia, História da Língua e Dialectologia, a Linguística (chamemos-lhe moderna) só se desenvolveu em Portugal a partir dos anos sessenta. Em Lisboa, só no ano letivo de 1969-1970 foi lecionado o primeiro curso em que o estudo das correntes estruturalistas norte-americanas (pós)-bloomfieldianas e a sua aplicação à análise de fenómenos do português tiveram lugar; e só

em 1970-1971, na disciplina de “Linguística Portuguesa II”, se estudaram muito superficialmente os dois primeiros modelos da Gramática Generativa-Transformacional (os modelos de 57 e de 65). Em Coimbra, dominavam os estudos dialectológicos e uma interpretação neo-tomista de Saussure e Coseriu. E, como afirma José Victor Adragão num texto sobre a pré-história da Linguística em Portugal, no Porto, onde o curso de Filologia Românica só tinha recomeçado a funcionar em 1968, havia ... Óscar Lopes.

Óscar Lopes que, já nos tempos de estudante (licenciou-se na Faculdade de Letras de Lisboa em 1941), tinha como preocupação desenvolver uma teoria matemática que permitisse captar as propriedades da linguagem humana. Como testemunha Vitorino Magalhães Godinho num texto sobre o Óscar intitulado *Definição fundamental: um homem de carácter* e datado de 2007, cito:

Conhecêramo-nos na Faculdade de Letras de Lisboa, nesse casarão tão pouco atraente por baixo da Academia das Ciências [...]. Um corpo docente medíocre [...], onde um ou outro competente não se interessava e procurava passar despercebido, se acaso no seu íntimo albergava ideias “incorrectas”. Mas, incólumes a esse ambiente [...] andávamos à descoberta desse *admirável mundo novo* para lá das fronteiras salazaristas. Arranjávamos livros, emprestávamo-los um ao outro (emprestei-lhe, por exemplo, o Husserl, mais tarde o Tarski), discutíamos linguística e lógica moderna [...], filosofia e política, história e a sua teoria. Eu estava empenhado em investigações de lógica relacional, esforçava-me por conhecer a matemática e a física, porque nelas alicerçava em boa parte a teoria do conhecimento e/ou epistemologia [...]. Óscar Lopes queria desvincular-se dos enredos da linguística, construindo uma teoria matemática relacional que correspondesse às especialidades da linguagem. Será a sua preocupação dominante, até assentar outro pilar na história da literatura.

Assim, na segunda metade dos anos 30, estes brilhantes parceiros intelectuais, ávidos de romper as fronteiras impostas ao conhecimento pelo Estado Novo, estudam e discutem os trabalhos do Círculo de

Viena, fortemente influenciado, como sabemos, pelos avanços da física, da matemática e da lógica simbólica de finais do século XIX e início do século XX. Conseguimos facilmente compreender a atração que estes dois jovens, a viver num ambiente intelectual empoeirado e asfixiante, terão sentido por um programa que poderia vir a instaurar os estudos humanísticos (ou, pelo menos, partes deles) como ramos de uma ciência unificada através de uma linguagem lógico-matemática comum e de um critério de validação também comum: a verificação empírica.

E abro aqui um parêntesis, para destacar o papel da Universidade do Porto na divulgação do empirismo lógico em Portugal. Tanto quanto sei, os historiadores da ciência são unânimes em atribuir a Abel Salazar o papel maior na divulgação entre nós desta escola de pensamento. Para além de artigos esparsos que publicou desde 1934 nas revistas *Seara Nova* (Lisboa), *Sol Nascente* (Porto) e *Síntese* (Coimbra), Abel Salazar foi autor de cinquenta artigos entusiásticos sobre a Escola de Viena publicados n' *O Diabo* entre 1936 e 1940.²

E teve igualmente papel de relevo na disseminação do empirismo lógico Rui Luís Gomes, tanto através dos artigos sobre a Teoria da Relatividade que escreveu na *Seara Nova* como nas quatro conferências que foi convidado a proferir sobre o mesmo tema no Instituto Superior Técnico em 1937. Na lição magistral que proferiu nesse ano, comemorativa do primeiro centenário da Academia Politécnica e da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, subordinada ao título "Análise neopositivista das noções

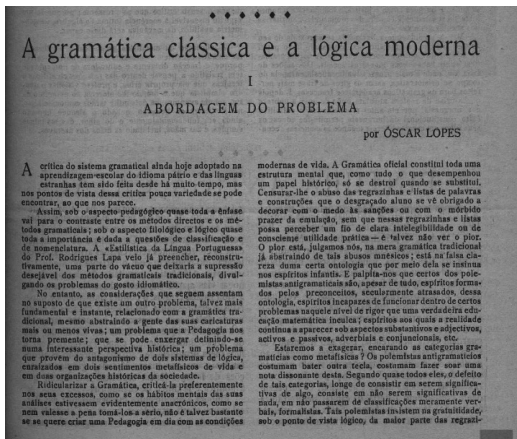


² Ver Fitas (2012).

de espaço e de tempo”, este então jovem professor catedrático afirmava que o empirismo lógico permitia, cito, “enfrentar os problemas de um domínio que dizem ser supra-científico – o filosófico –, por métodos exclusivamente científicos.”³

Regressando a Óscar Lopes, julgo ser possível afirmar que o contacto com a Escola de Viena iniciado nos seus tempos de faculdade e o intenso debate que sobre o assunto manteve com Vitorino Magalhães Godinho marcaram para sempre a sua visão sobre o que poderia ser uma teoria que permitisse não só descrever e compreender mas também fazer previsões sobre a linguagem e as línguas. Se o historiador se demarcou desta escola de pensamento logo na tese de licenciatura, em Óscar Lopes ficou a convicção (que nunca o abandonou) de que as teorias linguísticas, para atingirem uma nível de adequação satisfatório, precisam de importar ou de adaptar formalizações lógico-matemáticas.

Esta convicção foi, aliás, sendo fortalecida pela sua experiência docente: todos os testemunhos que li e ouvi de ex-alunos seus revelam que foi um excelente pedagogo. Não só foi capaz de fazer a transposição pedagógica inerente à atividade de quem ensina, como soube sempre retirar, do diálogo orientado para a aprendizagem que é uma aula, consequências para a sua investigação.



Este duplo aspeto – a necessidade de formalização na investigação sobre a linguagem e as línguas e o exercício pedagógico – estão já presentes no seu texto de duas páginas publicado na Seara Nova em 1947, com o título inesperado *A Gramática Clássica e a Lógica Moderna*.

³ *Apud* Bebiano (2006: 7).

A atitude de indagação característica dos cientistas, essa atividade de inquirir o porquê das coisas oculto pelo sedimento das ideias aceites, está bem presente nos parágrafos finais deste texto:

Porque haverá, precisamente, sete ou oito categorias morfológicas: substantivo, adjetivo, pronome e artigo, verbo, advérbio, preposição, conjunção? Porque será *franqueza* substantiva e não adjectiva? Serão, pois, as qualidades uns *substantivos abstractos*? Mas substância abstracta não será auto-contradição, não será assim como “uma coisa de ser uma qualidade”, isto é: “a coisa de não ser coisa”? Os pronomes indefinidos, porque são “pronomes”? Isto é: em vez de que nome pròpriamente dito estão as palavras “nada”, “tudo”, “alguém”, “cada qual”? E, vendo bem, que têm eles de indefinido, de mais indefinido que muitos substantivos? Que “acção” exprimem os verbos de *ter*, *ser* ou *sentir*? Que há de circunstancial nas palavras “*sim*”, “*eis*”, “*talvez*”, etc., que nos permita classificá-las entre os advérbios, ou até como inclui-las em qualquer das outras categorias morfológicas? Numa oração em que um substantivo é passivo de outro (agente da voz passiva), ou até numa oração em que se exprime uma circunstância de causa - onde reside, afinal de contas, a substância agente ou causal?

Estas perguntas sem resposta, mesmo quando se não definam no espírito do aluno e do mestre, desconfortam a sua inteligência. Ou mal vai ao ensino se não há ao menos o senso crítico que as pressente; porque só um espírito insensível à coerência íntima da álgebra, da geometria analítica, da mecânica será disso capaz.

A educação da metafísica gramatical e a educação matemática coexistem contraditòriamente hoje, só talvez porque a fracção dirigente e educadora da humanidade tem resistido a pensar dentro das relações científicas e técnicas que ela própria criou, e prefere visionar o quadro simplista que o mundo lhe oferecia no princípio da sua grande aventura, há dois mil e tantos centos de anos, no Mediterrâneo helénico, quando o alcance humano era fundamentalmente o do olhar, das máquinas simples, e das mãos, incluindo as mãos dos escravos.

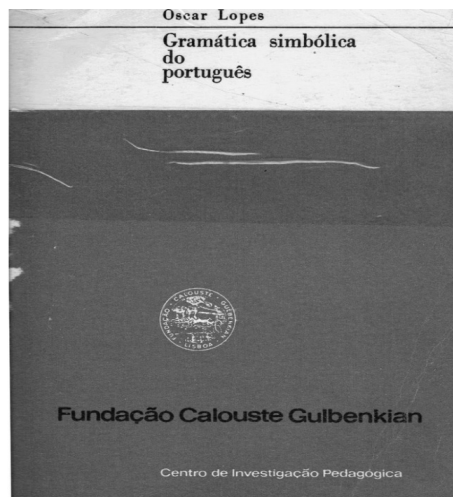
O parágrafo luminoso que fecha este texto é exemplar da capacidade que Óscar Lopes tinha de articular conhecimentos provenientes de vários domínios do saber e de os entrelaçar numa urdidura que tornava claros àqueles que o ouviam ou liam nexos que até então nem suspeitavam que pudessem ser estabelecidos.

A crítica a esta “educação da metafísica gramatical” é novamente tema da comunicação que apresentou no *I Simpósio Luso-Brasileiro sobre a Língua Portuguesa Contemporânea*, que teve lugar em Coimbra em 1967, com o título provocatório *Gramática escolar, reduto de um anacronismo*, em que se pode ler:

A minha tese central é a de que, quer no terreno da investigação, quer no da didática, a linguística não pode dispensar o estojo, ou antes, os estojos da racionalidade hoje mais comum aos diversos terrenos da investigação científica. Refiro-me à lógica simbólica, ou, melhor, a instrumentários de formalização como a teoria dos conjuntos, a das relações interproposicionais [...] e a das relações. Palpita-me, de resto, que a teoria dos grupos de transformação e a topologia seriam também muito úteis aos linguistas e professores de língua, sobretudo da língua materna.

É esta tese central que Óscar Lopes demonstra magistralmente na *Gramática simbólica do português (um esboço)*, publicada em 1971 e rapidamente esgotada, com 2.^a edição corrigida dada à estampa um ano depois.

Graças a uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e a uma equiparação a bolseiro concedida pelo Instituto de Alta Cultura durante quatro anos letivos, o Óscar pôde



desenvolver esta tese na abordagem de vários aspetos da gramática da nossa língua e teve a oportunidade de experimentar a sua transposição pedagógica em turmas experimentais de crianças do então denominado ciclo preparatório.

O resultado é impressionante de todos os pontos de vista.

Antes de mais, pelo conjunto de temas trabalhados inovadoramente. Relembro alguns: a distinção entre nomes próprios e comuns, atributos e apostos, coordenação copulativa e disjuntiva; os valores semânticos dos artigos definidos e indefinidos na sua relação com a flexão de número; a distinção entre expressões indefinidas e expressões partitivas; a deixis pessoal (incluindo, claro, pronomes pessoais e demonstrativos); as orações relativas restritivas e apositivas na sua relação com a frase superior; a aproximação entre orações coordenadas adversativas e subordinadas concessivas; o tempo como relação de ordem entre o momento do discurso e o da situação descrita.

O resultado é impressionante também pelos instrumentos lógico-matemáticos a que Óscar Lopes recorre, provenientes da teoria dos conjuntos, da lógica de proposições, do cálculo de predicados de 1.^a ordem, da teoria dos grafos, da topologia.

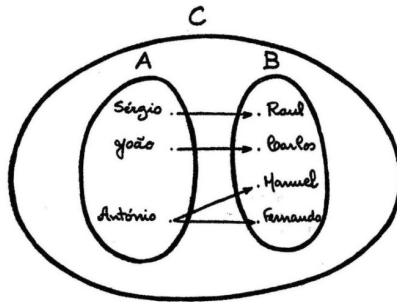
O resultado é impressionante, ainda, do ponto de vista pedagógico. É notável o cuidado nas indicações dadas aos leitores-professores para a transposição pedagógica das análises que propõe, destinada a crianças de 10 a 12 anos, bem como as formas de representação gráfica que usa para as ajudar a compreender as relações lógico-semânticas que são um dos pilares do significado.

O passo seguinte da *Gramática simbólica* ilustra suficientemente esta avaliação. Ao exemplificar relações binárias orientadas através da relação “x pai de y” que, como dizemos hoje, é um antónimo converso da relação “y filho de x”, Óscar Lopes afirma, a pp. 157-158:

Tal relação pode exemplificar-se do modo seguinte, supondo que os nomes próprios se referem cada qual a uma só pessoa num dado conjunto básico C.

E continua:

Isto quer dizer que, dentro do nosso conjunto-base exemplificativo, a relação P se verifica, por exemplo, entre Sérgio e Raul, mas não, por exemplo, entre João e Manuel; e podemos supor que ao conjunto C pertençam outros elementos, os quais, dentro desse mesmo conjunto, se não encontram associados pela mesma relação P. Por outro lado, [...] não basta dizer que a relação P, “pai de”, se verifica entre Sérgio e Raul; é preciso especificar que se estabelece de Sérgio para Raul, pois a relação de Raul para Sérgio é já diferente (Raul é filho de Sérgio).



O resultado é impressionante, além disso, pela bibliografia comentada (em que se incluem textos publicados em 1970 e em 1971) e pelas extensíssimas notas, que revelam a profundidade da sua reflexão sobre os temas de que se ocupa, ancorada na familiaridade com que manuseia a literatura relevante, quer se trate da tradição gramatical ocidental, do edifício lógico-matemático com alicerces em Frege e Russell, ou das teorias estruturalistas e generativistas que vieram a permitir as primeiras descrições fonológicas, morfológicas e sintáticas merecedoras do atributo “científicas”.

Vou exemplificar. A pp. 39, a propósito dos nomes próprios e comuns, Óscar Lopes afirma que, cito, “o uso de um nome postula a existência de um dado objecto (intensional); [...]”. No final do longo período de que apenas citei o início, surge a nota 4. Ora a nota 4, a pp. 287, sobre objetos intensionais, esclarece:

A concepção de objecto intensional, já debatida pelos escolásticos medievais e contra a qual reagem as tendências nominalistas, empenhadas em usar a chamada “navalha de Occam” para “rapar as barbas a Platão”, isto é, empenhados em eliminar meros “entes de razão” ou arquétipos platónicos, foi reabilitada por Franz Brentano (1874) e serviu de ponto de partida, quer para a “teoria dos objectos” (1904) de A. Von Meinong, alvo predilecto da crítica neo-positivista, quer da fenomenologia de Edmund Husserl (1900-1901). Os neo-positivistas, ou positivistas lógicos, que foram os nominalistas modernos, como os adeptos do “Círculo de Viena” do decénio de 1930 (Schlick, Neurath, Carnap), Wittgenstein, B. Russell e Tarski, empenharam-se em eliminar os objectos não-empíricos, quer impondo o princípio da verificabilidade experimental (Schlick), quer postulando dados sensoriais *protocolares* ou absolutos (E. Mach), quer exigindo a redução de todas as linguagens significativas à da física moderna (*fisicalismo* de Neurath e Carnap, noutra sua fase comum), quer, no decénio de 1940, construindo regras de *modelização* ou *interpretação semântica* para os sistemas formais (Tarski). Russell, na fase em que aderiu a uma espécie de *atomismo lógico*, sustentou que os *nomes próprios* (ao contrário das simples *descrições* singularizantes equivalentes ao uso normal do artigo definido singular, como em “o rio”, “o fauno”) postulariam a existência absoluta dos respectivos elementos designados, o que acarretou a sua concepção de *nomes próprios lógicos*, diferentes dos usuais; mas acabou por admitir (e, conforme veremos, paradoxalmente) que os únicos *nomes próprios lógicos* seriam “isto” e “aquilo” (“this” and “that”). Como verificaremos ao longo do nosso estudo, as teses lógico-positivistas radicais não se ajustam à análise da linguagem corrente, embora não escondamos as dificuldades inerentes à ontologia dos *objectos intensionais*.

Óscar Lopes revisita nesta nota episódios da história e da filosofia das ciências, da escolástica medieval à psicologia empírica de Brentano e à fenomenologia de Husserl, referindo as diferentes fases e contributos do Círculo de Viena e dos matemáticos e logicistas Wittgenstein, Tarski e Russell, para se centrar na teoria dos nomes próprios deste último, rematando com

uma avaliação crítica da adequação das teses lógico-positivistas radicais à análise da linguagem humana.

O resultado é impressionante, finalmente, por ter sido obra de um homem só, apenas incentivada por “animadoras críticas [n]a fase inicial dos trabalhos” de Sebastião e Silva, Simões Neto, Joana Lopes e Maria Helena Mateus. E pense-se no que isto significava na época: sem internet, sem bases de dados bibliográficas de fácil consulta, num país sem cultura de investigação científica nas Humanidades, com escasso acesso a livros e revistas estrangeiros. Como Óscar Lopes confessa, pesaroso, a pp. IX, a *Gramática simbólica* é o resultado de

um trabalho quase todo feito isoladamente, sem a colaboração de um seminário de investigação interdisciplinar (como devia ser o caso), sem acesso à enorme quantidade de comunicações mimeografadas, orais, por vezes de simples informação pessoal e directa, que abundam nas referências de obras desta ciência de ponta, que é actualmente a linguística em fase de rápida formalização matemática.

Em 1974, Abril devolveu-nos o sonho feito facto de um país a começar de novo. E Óscar Lopes entra finalmente na universidade: é nomeado professor catedrático e diretor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Aqui, e até à sua jubilação, concebe e leciona uma unidade curricular inovadora, Linguística Matemática, dá aulas de licenciatura e de mestrado, orienta e co-orienta teses de mestrado e de doutoramento, funda o Centro de Linguística da Universidade do Porto, o CLUP. E estuda, estuda e investiga.

Assim, quatro anos depois da *Gramática simbólica*, a evolução do seu pensamento como linguista é clara. Na comunicação que apresentou ao 1.º Encontro Nacional para o Ensino e a Investigação do Português, que reuniu em Lisboa docentes e investigadores de todo o país, intitulada *Necessidade de um Mínimo de Consciência Formal da Língua na Prática Escolar*, Óscar Lopes traz à colação o que considera serem, cito, “dois sentidos na actual investigação de ponta”⁴: o primeiro é o

⁴ Lopes (1976: 380-381).

[...] das lógicas intensionais do tipo de R. Montague, que procurou formalizar as condições de verdade de textos linguísticos com características determinadas, em função de índices como o tempo e a atitude proposicional do loquente, índices que será possível alargar até abranger o espaço de locução, as relações entre o loquente, o interlocutor imediato, o público indirecto, etc. [...]. (7)

O outro sentido de investigação de ponta [...] assenta na pragmática, isto é, na teoria da linguagem como acto social preciso, como forma específica de comportamento. Estas investigações pragmáticas põem, pelo menos provisoriamente, de parte o tratamento algébrico da semântica linguística, mas tendem para a representação por meio de diagramas que se aproximam dos diagramas do cálculo da programação linear, da teoria dos sistemas, e de outros métodos próximos, se não integráveis, no conjunto das disciplinas das matemáticas. (8)

A nota 7 remete para a colectânea de artigos de Montague organizada por Thomason e publicada em 1974, que inclui o célebre (e complicadíssimo) *PTQ* (*The Proper Treatment of Quantification in Ordinary English*). Como é sabido, o *PTQ* é o artigo em que Montague propõe e aplica a fragmentos do inglês um sistema de lógica intensional temporalizada. Por sua vez, a nota 8 remete para uma coletânea de textos de pragmática, organizada por Dieter Wunderlich e publicada em 1975, intitulada *Linguistische Pragmatik*. Não pode deixar de espantar a capacidade intelectual e de trabalho de Óscar Lopes que, num período simultaneamente empolgante e conturbado da nossa história coletiva, mantém intensa atividade como cidadão, entra no mundo universitário, é diretor da FLUP, dá as primeiras aulas de linguística matemática, funda o Centro de Linguística da Universidade do Porto e se mantém a par das investigações de topo nos domínios da semântica e da pragmática.

É novamente disso exemplo a comunicação que apresentou em 1985 ao 1.º Congresso da Associação Portuguesa de Linguística, intitulada “A noção de definido e a de presente da enunciação”. É um texto espantoso, de grande complexidade, em que Óscar Lopes “descasca” os diferentes valores têmporo-aspetuais do presente do indicativo e do pretérito perfeito

composto, passeia por formas linguísticas de expressão de incerteza e de contrafactualidade, revisita os conceitos de referência definida e indefinida, aproxima deixis e anáfora, e ata este ramalhete através do conceito de presente de enunciação, encarado como, cito “um acto discreto de linguagem unilinearmente, ou irreversivelmente, ligado a outros actos de linguagem.” (p. 138). E, noutra passagem, a pp. 136, clarifica o conceito:

Trata-se de um presente de enunciação no sentido em que presentifica um dado, ou conjunto de dados, que na interpretação do destinatário (ou destinatários) pode até vir a funcionar de maneira diferente daquela que está prevista pelo enunciador, o que é capaz de motivar um reacerto dialogal.

A pp. 141-142, para dar conta da dependência do contexto dos tempos e da referência definida e indefinida, Óscar Lopes sugere que se opte por representações semânticas como as propostas nos primeiros esboços da *DRT (Discourse Representation Theory)*, uma teoria semântica dinâmica desenvolvida por Hans Kamp a partir de 1981, uma novidade na época, e uma das mais usadas hoje pelos semanticistas.

Depois dos meus primeiros encontros com o Óscar em 1973, vim para a Faculdade de Letras do Porto em 1976, juntamente com duas colegas de curso, as minhas amigas Ana Brito e Fátima Oliveira, para poder aprender e trabalhar com ele. Posso dizer que foi aqui que dei os primeiros passos como docente universitária e como aprendiz de linguista. Os capítulos que escrevi para a 1.^a edição da *Gramática da Língua Portuguesa*, publicada em 1983 pela Almedina, são quase todos resultado do que aprendi com ele de viva voz e através dos seus escritos. Foi com ele que aprendi que, cito, “as línguas naturais não são absolutamente naturais, são humanamente naturais.” (1976: 389)

Quando voltei para Lisboa, pedi ao Óscar que fosse co-orientador do meu doutoramento. E, embora tenha decidido desenvolver a investigação conducente à tese no campo da sintaxe, a própria escolha do tema foi a consequência dos anos do Porto: os tópicos marcados, um tema que trazia para o centro do trabalho o modo como as configurações sintáticas permitem exprimir relações semântico-discursivas, num tempo em que não se falava

ainda da interface sintaxe-discurso.

Cientista e pedagogo, o Óscar vivia e praticava a emoção da descoberta em diálogo. Ouçamo-lo, numa intervenção na homenagem que lhe fez a revista *O Professor* em 1988⁵:

Há qualquer coisa de mais sagrado que uma pessoa é o encontro entre pessoas. Sente-se isso de um modo exaltante quando se canta em coro ou quando se faz parte de um grupo instrumental. [...]

Tive a sorte de exercer a profissão de professor durante cerca de meio século [...] Ora, a profissão de professor é emocionante precisamente porque a aula, ou o grupo de estudo constitui um espaço de convivência na acepção mais profunda do verbo “conviver”. É um espaço de frequente descoberta, de surpreendente encontro ou sintonização onde em diálogo real ou virtual nos sentimos chegar muitas vezes às mesmas e novas opiniões ou às mesmas e novas razões. (p. 61)

Retiro desta última citação dois aspetos fundamentais, que mostram bem que fazer ciência não é tecer um perpétuo bordado de Penépole. Em primeiro lugar, Penélope sabia bem qual o resultado final do bordado: o que desfazia numa noite era refeito de um modo exatamente igual durante o dia seguinte. Não havia aqui a emoção da descoberta. Mas em ciência, nunca sabemos o que vamos encontrar no fim do caminho a que nos leva cada investigação. Cada hipótese descartada pelos dados empíricos ou por uma teoria com maior poder explicativo ajuda-nos a conhecer um pouco mais, a procurar melhores respostas para os problemas que pretendemos resolver e, sobretudo, a identificar novas perguntas de investigação.

Em segundo lugar, fazer ciência é cada vez mais um trabalho de equipas, ou de orquestras, como o Óscar preferiria certamente dizer. Precisa de um ambiente em que maestro, primeiros solistas, músicos de cada naipe e cordas-sopro-percussão aprendam a ouvir-se, dialoguem, e treinem, treinem, treinem. Privado que foi de um ambiente desses durante os anos de maior potencial criativo da sua vida, Óscar Lopes sabia disso, tinha-o

⁵ Lopes (1988: 61).

aprendido na pele, e o seu magistério universitário e a criação do CLUP foram a semente de um viveiro linguístico que já deu saborosos frutos.

A demanda do conhecimento através da ciência é uma formidável empresa democrática, porventura uma das mais conseguidas da espécie humana. Foi também um crime contra a ciência que o Estado Novo cometeu ao negar a Óscar Lopes o seu lugar de direito na universidade. Com isso privou gerações de estudantes portugueses de se aventurarem pelos caminhos que logo nos anos quarenta ele começava a trilhar. Se o seu legado na Linguística é o que todos nós lhe reconhecemos, o que não teria sido, se o seu magistério tivesse tido o seu início trinta anos antes? É que Óscar Lopes é um desses seres raros que percebem antes dos outros os caminhos que fazem avançar as fronteiras do conhecimento.

Por isso, nada melhor que torná-lo presente, como procurei fazer hoje aqui, dando voz à sua voz e dando testemunho do privilégio que foi conhecê-lo e trabalhar com ele.

REFERÊNCIAS

- Bebiano, N. (2006). Ruy Luís Gomes - Vida e Obra. *Gazeta de Matemática*, 151: 6-16.
- Fitas, A. J. (2012). Abel Salazar e a difusão da teoria da relatividade na Imprensa Cultural Portuguesa. *Vértice*, 162: 41-53.
- Lopes, Ó. (1947). A Gramática Clássica e a Lógica Moderna. *Seara Nova*, 1031: 7-8.
- Lopes, Ó. (1967). Gramática escolar, reduto de um anacronismo. *I Simpósio Luso-Brasileiro sobre a Língua Portuguesa Contemporânea*.
- Lopes, Ó. (1972). *Gramática simbólica do português (um esboço)*. Lisboa: IGC - CIP.
- Lopes, Ó. (1976). Necessidade de um Mínimo de Consciência Formal da Língua na Prática Escolar. In AA, (1977) *1.º Encontro Nacional para o Ensino e a Investigação do Português - 1976 actas: 377-390*. Águeda: Centros de Linguística das Universidades de Lisboa, da Universidade do Porto, da Universidade de Coimbra, Núcleos de Linguística de Aveiro e Braga.
- Lopes, Ó. (1985). A noção de definido e a de presente de enunciação. In Direcção da APL, *1.º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. actas: 129-143*. Lisboa: APL
- Lopes, Ó. (1988). Caros amigos... *O Professor*, 105: 61-64.
- Magalhães Godinho, V. (2007). *Definição fundamental: um homem de carácter*.
<http://www.porto.pcp.pt/index.php/oscar-lopes/nas-palavras-de/2445-vitorino-magalhaes-godinho>
- Neves, L. C., org. (2004). *António José Saraiva e Óscar Lopes: Correspondência*. Lisboa: Gradiva.